

# APONTAMENTOS SOBRE A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E DE GÊNERO NO SINTAGMA NOMINAL DO PORTUGUÊS DE GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Emilson N'Dame<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma descrição preliminar da concordância de número e de gênero no português de Guiné-Bissau (doravante, PGB) a partir do sintagma nominal (doravante, SN). Seguindo Brandão (2016), consideramos a concordância nominal como a repetição de um mesmo conteúdo morfológico de um nome nos determinantes, quantificadores e/ou adjetivos a ele inter-relacionado sintática e semanticamente. Logo, os artigos, adjetivos, pronomes e numerais, tomados como constituintes flexionáveis do SN, apresentarão a flexão conforme o gênero e número do nome a que fazem referência (LUCCHESI, 2009). De modo geral, há poucos trabalhos que se debruçam sobre o PGB e, em específico, sobre a concordância nominal. Trabalhos como os de Sedrins & Silva (2017) nos dão pistas sobre esse fenômeno em PGB, embora não seja um estudo exaustivo e exclusivo dessa variedade. Em nossa descrição, notamos que o PGB apresenta perda de marcas flexionais de número e de gênero, o que pode estar relacionado com a situação de contato linguístico e a interferência das línguas crioula e autóctones faladas no país.

**Palavras-chave:** língua portuguesa - concordâncias; língua portuguesa - sintagma nominal.

## ABSTRACT

This article presents a brief description of number and gender agreement in Guinea-Bissau Portuguese (hereinafter, GBP) occurring in the noun phrase (hereinafter, NP). Following Brandão (2016), we consider nominal agreement as the repetition of the same morphological content of a noun in the determiners, quantifiers and/or adjectives syntactically and semantically interrelated to it. Thus, articles, adjectives, pronouns and numerals, taken as inflectable constituents of the NP, will present the inflection according to the gender and number of the name they refer to (LUCCHESI, 2009). In general, there are few works that focus on GBP and, specifically, on nominal agreement. Works such as Sedrins & Silva (2017) give us clues about this phenomenon in GBP, although it is not an exhaustive and exclusive study of this variety. In our description, we note that GBP has a loss of inflectional marks of number and gender, which may be related to the situation of linguistic contact and the interference of creole and native languages spoken in the country.

**Keywords:** Portuguese language - agreements; Portuguese language - noun phrase.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado a Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

<sup>2</sup> Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Se considerarmos os estudos acerca da concordância nominal no português, de um modo geral, tivemos relevantes trabalhos que descreveram e analisaram esse fenômeno, tendo como foco o português brasileiro (doravante, PB) e o português europeu (doravante, PE).

As pesquisas sobre a concordância nominal foram de suma importância, por exemplo, para o debate acerca das origens do PB desde o século XIX, como aponta Baxter (2009, p.269). Assim, podemos citar trabalhos pioneiros como os de Braga (1977), Scherre (1978), Guy (1981), juntamente com os estudos que os sucederam, que apontaram para duas linhas de pensamento sobre as origens do PB: a linha contatista e a linha derivista.

Para a primeira linha, há um papel fundamental do contato plurilinguístico do português com as diversas línguas indígenas e africanas, que implicaria um processo de aprendizagem ou transmissão linguística irregular - que ainda caracterizaria a sociedade brasileira desde sua formação - (LUCCHESI, 2003; BAXTER, 2009). Para a linha derivista, os padrões ou tendências de concordância variável no SN em diversas fases do PE teriam fornecido modelos para o PB, ou seja, ampliaram o fenômeno já prevista no sistema (NARO & SCHERRE, 2003; 2007).

As descrições e análises que surgiram dessa discussão mostraram as restrições que dominam a presença/ausência da marca de concordância, por exemplo, suscitando novos estudos que discutissem a relação entre a variedade brasileira e as demais variedades africanas do português, também presentes em um ambiente plurilíngue e de um contato linguístico proeminente. Essa relação levou ao que Petter (2008) considerou como um continuum afro-brasileiro e que nos influenciou na escolha de se considerar o PGB como objeto de estudo para esse trabalho.

Para Lucchesi (2009), há uma associação, no plano semântico-lexical, das categorias de número e de gênero ao nome. Essa associação é estendida na sintaxe pela concordância junto aos termos que lhe determinam o sentido, como o artigo, o adjetivo, o pronome e o numeral.

Desse modo, o SN é uma construção sintática em que o nome é o elemento nuclear, podendo ser formado por um único constituinte (1) ou outros elementos, como vemos em (2), (3) e (4), destacados entre chaves:

(1) Vou comprar [cadernos]

(2) [Alguns alunos] rasgaram [os cadernos]

(3) Comprei [cadernos novos]

(4) Comprei [cadernos de desenhos]

Em um SN como (5):

(5) [as mais sortudas alunas]

os traços semânticos [-macho, -singular] estão se referindo ao nome “alunas”, e não ao adjetivo “sortudas”, ou ao artigo “as”, ou ao advérbio “mais”. No entanto, nota-se que a expressão mórfica se estende a todos os constituintes flexionáveis que compõem o SN.

Conforme apontado em Brandão (2016), a concordância de número pode ser realizada em três classes: determinantes, quantificadores e adjetivos. A classe da palavra e a sua posição linear no sintagma são variáveis importantes que, vistas individual ou separadamente, implicam em padrões de concordância nominal e são, por exemplo, apontados como categóricas no PE e variáveis no PB.

Em relação à concordância de gênero, a sua indicação mórfica, na maioria das vezes, é feita exclusivamente através da concordância, na medida em que a maioria dos nomes não porta nenhuma marca formal de gênero. O gênero, portanto, é analisado pela sua estruturação no léxico da língua e como se realiza na sentença a partir da estrutura do sintagma (LUCCHESI, 2009, p.296).

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição preliminar da concordância de gênero e de número no SN do PGB a partir de dados coletados em um banco de redações, de um corpus de referência e de entrevistas de guineenses. Pretendemos, portanto, descrever como se dão, no PGB, as variáveis de classe de palavras e posição linear para a concordância de número e, para a concordância de gênero, descrever se ocorre uma significativa variação, que é incomum na maioria das variedades do português, mas que se apresenta relevante quando estamos diante de variedades expostas a um intenso contato linguístico em sua história (LUCCHESI, 2009).

Seguindo esta “Introdução”, procedemos às considerações de alguns aspectos sócio-históricos e linguísticos de Guiné-Bissau buscando contextualizá-los, em especial, no que diz respeito a presença e uso da língua portuguesa no país. Nosso próximo passo é apresentar a metodologia para a construção de nosso corpus e a delimitação dos dados. Em seguida, abordamos a concordância de gênero e de número no SN do PGB e finalizamos nosso trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A LÍNGUA PORTUGUESA EM GUINÉ-BISSAU

Situada na costa ocidental da África e tendo as suas linhas fronteiriças separadas com o Senegal ao Norte, com a Guiné-Conacri ao Sul e pelo Oceano Atlântico ao Oeste, a Guiné-Bissau, quase igual a todos os países do continente berço, conta com uma grande diversidade cultural através dos distintos grupos sociais que ocupam o seu território.

A diferenciação desses povos enquadra-se em suas filosofias de vida, suas culturas e em suas línguas. Todos esses povos contam com uma língua isolada, que só é compreendida por integrantes da própria comunidade ou por alguém que convive com eles.

Na Guiné-Bissau, os estudos de Couto e Embaló (2010) mostram que, neste território de 36.125 km<sup>2</sup>, coabitam democraticamente mais de duas dezenas de línguas étnicas, pertencentes a cada um dos seus grupos sociais. As principais línguas locais são: Fula, Balanta, Mandinga, Papel, Manjaco, Beafada, Mancanha e outras. No entanto, esses grupos se integram linguisticamente, dentro desse território, a partir de duas línguas principais: o guineense, ou kriol, e o português.

A literatura sócio-histórico-cultural da Guiné-Bissau evidencia que o guineense emergiu no século XV, por intermédio da incompreensibilidade linguística observada, não só entre os vários grupos sociais guineense, mas também dentre esses grupos frente a língua portuguesa. Seu surgimento, então, dá-se pelo “contacto do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre estes próprios, dada a diversidade linguística da região” (EMBALÓ, 2008, p.102).

Apesar de ter emergido no século XV, o falar guineense só veio a nacionalizar-se no século XX, a partir de uma guerra que teria posto o fim da dominação política do regime colonial português à Guiné-Bissau. A guerra de independência que durou pouco mais de dez anos, terminou com a proclamação unilateral da independência da Guiné-Bissau, em 24/09/1973. Para Couto e Embaló (2010), os combatentes da liberdade da pátria foram os principais responsáveis pela disseminação do guineense devido ao conhecimento da língua pelos comandantes e soldados, além de seu uso como comunicação de massa. De acordo com Augel (2006), a percentagem dos guineenses que tem o idioma como a primeira, segunda ou a única língua, alcança a marca de mais 90% e no país a distribuição das línguas étnicas não é distinguível.

De todo modo, é válido atentarmos, em termos linguísticos, para a formação da língua guineense (como uma língua crioula) a partir de um hibridismo gramatical, tendo grande parte

dos seus léxicos derivadas do português e a sua base sintática proveniente das línguas étnicas (LUCCHESI, 2009).

Em relação à língua portuguesa em Guiné-Bissau, temos a sua introdução no país no ano de 1446, quando o navegador português, Nuno Tristão, chegou às margens do rio Cacheu. Mas, vendo a situação sociolinguística do país, o português continua sendo até nos dias de hoje uma língua desconhecida pela grande maioria da população guineense.

Mesmo com todo o desconhecimento que os guineenses apresentam do português, estabeleceu-se, por costume, como a língua oficial. Por costume, porque a constituição da República, do ponto de vista da lei, não destacou em nenhum dos seus artigos a matéria referente à língua. Ainda assim, sob o pretexto da sua praxe política, afirmou-se como a língua com o maior prestígio político, acima de qualquer outro falar tido como veículo de comunicação.

O desconhecimento do português em Guiné-Bissau é comprovado pela pouca percentagem dos que o falam, uma vez que, segundo a ficha técnica das características socioculturais da Guiné-Bissau (2009), o número da população que sabe falar a língua portuguesa é de 27,1% do total. Para Intipe (2018), essa pequena percentagem revela que, em detrimento de ser a língua oficial e de ensino “é dificilmente falada nos espaços de interação, salvo os casos em que o ambiente formal a privilegie ou espaços de convívio em que haja um falante da língua portuguesa”.

Para Augel (2006), seria conveniente que a Guiné-Bissau fosse considerado como um país “lusógrafo” do que uma nação lusófona, já que a realidade do português está atrelada mais aos assuntos burocráticos da administração, assentados mais na prática escrita do que na fala. Corroborando a mesma tese, Couto e Embaló (2010) mostram que a presença dos emigrantes não lusófonos na Guiné-Bissau externa a predominância do guineense, porque esses não lusófonos, mesmo morando no país há mais de uma década, não conseguem expressar praticamente nada do português.

Em Guiné-Bissau, o desenrolar de toda atividade burocrática é feita na língua portuguesa, devido ao seu prestígio político de língua oficial, além de ser a principal língua do ensino. Couto e Embaló (2010) explicam que todo o processo de aprendizagem desde a primeira classe até o ensino superior é mediado nessa língua, tendo circunstanciadamente algumas interferências do guineense. Essas interferências chegam a ser sistemáticas, porque torna-se difícil encaminhar a aula toda em língua portuguesa, à conta de que muitos alunos podem não compreender as aulas, mesmo depois de várias tentativas de explicações.

A insuficiência do uso do português não se limitou apenas aos membros do Estado, aos estudantes e docentes ou aos servidores da nação. Mas, sim, é uma realidade aplicável a toda sociedade guineense. Na medida em que é um incidente que não resulta somente dos expedientes linguísticos, mas também dos mecanismos culturais e sociais. São essas marcas culturais e sociais que vão criar a variedade da língua portuguesa na Guiné-Bissau, antropofagiando-a com base na sintaxe advinda das línguas dos seus grupos sociais e do guineense. Adiante, pretendemos verificar se essas marcas se fazem presentes quando nos debruçamos sobre a concordância nominal no PGB.

### 3 METODOLOGIA PARA A DELIMITAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Para a descrição da concordância do SN em relação ao número e gênero no PGB fizemos, a princípio, a coleta de dados para compor nosso corpus com os SNs. Os dados foram coletados a partir de dois tipos de produção: escrita e oral.

Os dados coletados na forma escrita advêm das redações que são realizadas, como parte do processo seletivo, pelos alunos estrangeiros que se candidatam, em seus países de origem, aos diferentes cursos de graduação ofertados pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em suas sedes nos estados da Bahia e do Ceará<sup>3</sup>.

Os dados selecionados a partir de Santos (2015) e do CRPC-Oral<sup>4</sup> (Corpus de Referência do Português Contemporâneo) são resultados de entrevistas e interações diversas. Santos, em sua tese de doutorado, disponibiliza um conjunto de entrevistas realizadas com estudantes guineenses, também da UNILAB, e que serviram para sua análise fonológica. O corpus do CRPC encerra uma série de interações de diferentes variedades nacionais do português, inclusive disponibilizadas em áudio. Nos dois casos, temos um tipo de material oral e que foram, posteriormente, transcritas. Destacamos que os responsáveis pelo trabalho

---

<sup>3</sup> Agradecemos à Profa. Dra. Léia Menezes, docente do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL/UNILAB), que na ocasião de nossa coleta e delimitação dos dados estava na função de Presidente da Comissão de Redação do PSEE (Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros) e compartilhou o acesso às redações de candidatos guineenses. A UNILAB é uma instituição de ensino superior federal e “nasce baseada nos princípios de cooperação solidária entre os povos. Em comum acordo com os países parceiros, tornou realidade a criação de uma universidade no Brasil alinhada à integração com o continente africano, principalmente com as nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)” – <https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/> (Acesso em 25/07/2022).

<sup>4</sup> O CRPC, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é considerado um corpus de referência constituído de textos escritos e orais que encobrem um período da segunda metade do século XIX até o ano de 2006. Embora a maioria dos textos pertençam à variedade europeia do português, temos materiais referentes às variedades nacionais do Brasil, da África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e da Ásia (Macau, Goa e Timor-Leste). Os dados podem ser acessados a partir de: <http://teitok.clul.ul.pt/teitok/crpcoral/> (Acesso em 25/07/2022).

de transcrições fizeram a escolha de manter as marcas típicas da oralidade, assim como respeitaram nas transcrições fenômenos como não concordância de número, gênero, verbal etc.

Após a leitura dos materiais, iniciamos a delimitação de nossos dados. Assim, destacamos cada SN e sua composição, ou seja, atentamo-nos aos elementos que antecediam e sucediam o respectivo núcleo, assim como identificar as classes e as posições ocupadas por esses elementos.

Tomemos (6) como exemplo:

(6) A família só tem um refeição por dia

Em (6), temos uma sentença constituída por dois SNs que se referem ao sujeito sentencial, [a família], e ao complemento do verbo “ter”, [um refeição]. Para nosso trabalho, interessa-nos o segundo SN por não apresentar uma concordância, neste caso de gênero, entre o determinante “um” e o nome “refeição”, que se espera como “padrão” para o português. Notemos que o primeiro SN, [a família] cumpre essa exigência normativa. Logo, o SN [um refeição] é considerado um dado relevante para nossa descrição.

Vejamos, agora, a sentença em (7):

(7) a causa dos aborto clandestino eu acho que deriva dos pais

Em (7), o SN [a causa] é um predicador que exige um complemento nominal. Neste caso, temos um complemento introduzido pela preposição “de” que se junta ao artigo “os”, formando o determinante “dos”. O determinante estando no plural, espera-se que o SN que o acompanha concorde em número. No entanto, o nome “aborto” e seu adjunto “clandestino”, que formam o sintagma [aborto clandestino] não estão concordando com seu determinante “dos”. Assim, [dos aborto clandestino] é um dado relevante para nossa descrição.

Salientamos que, neste trabalho, foge de nosso escopo uma análise quantitativa dos dados em relação à concordância do SN para número e gênero no PGB. Uma das razões por não seguirmos esse tipo de análise está no fato de os dados que aqui apresentamos serem provenientes de metodologias de coletas diferentes, com propósitos específicos de usos para descrições e análises, além de abrangerem diferentes faixas etárias, gêneros, escolaridades etc. dos informantes.

#### 4 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E DE GÊNERO NO SN DO PGB

Os estudos sobre o PGB e, de certa forma, sobre as variedades de português em África, ainda são, em termos quantitativos, inferiores quando comparamos com o PB e o PE. Assim, não nos surpreende poucos trabalhos acerca da concordância nominal, seja de número ou de gênero, nas variedades africanas da língua portuguesa.

Considerar, portanto, a concordância nominal nos estudos descritivos e analíticos das variedades do português torna-se importante quando, conforme destacamos anteriormente, vemos Baxter (2009) apontar que os estudos da concordância de número plural, por exemplo, são familiares no âmbito das discussões sobre as origens do PB já desde o século XIX.

Na esteira das discussões sobre as origens do PB e a consequente comparação com o PE, novos estudos apontaram as relações entre a variedade brasileira e as variedades africanas do português. Petter (2008) defendeu a necessidade de situar o PB ao lado dos países onde a língua portuguesa foi transplantada e realizar, a princípio, os cotejos entre as variedades brasileira, angolana e moçambicana. Posteriormente, Petter (2015) avança em sua hipótese de um *continuum afro-brasileiro do português* ao englobar o que a autora chama de variedades crioulas do português, isto é, as faladas em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Se tomarmos os estudos individualizados sobre as variedades africanas da língua portuguesa, de um modo geral, apenas tomam fôlego no século XXI, como apontam, entre outros, Gonçalves (2010), para o português de Moçambique, e Mingas (2000) para o português de Angola. Em suas pesquisas, as autoras destacam, para a consagração de variantes africanas do português, questões como a aquisição e ensino do português por falantes de outras línguas, as diferenças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas presentes no português em África e, principalmente, o papel das línguas africanas nos aspectos gramaticais que as legitimam como variedades nacionais.

Esses trabalhos, de certa forma, pioneiros, são essenciais para que possamos compreender o *continuum afro-brasileiro do português* proposto por Petter, já que nos dariam “pistas” de uma possível aproximação dessas variedades com as demais, que se aproximam em alguns aspectos de sua sócio-história e condições linguísticas. Considerando que Guiné-Bissau é um espaço em que se faz presente, além do português, outras línguas autóctones junto com o crioulo, é oportuno observar, por exemplo, se há a incorporação de traços morfossintáticos das diversas línguas presentes no país no português ali falado – e conseqüentemente, a partir de estudos das demais variedades africanas do português,



esclarecer a gramática e a dinamicidade dessas variedades, e destacar o papel do contato linguístico.

Vejamos, então, como podemos notar essas especificidades do PGB, e sua aproximação (ou não) com as demais variedades do português, quando estamos diante da concordância nominal. Para Brandão:

Concordância nominal é como, tradicionalmente, se denomina a reiteração do mesmo conteúdo morfológico (categoria de gênero e/ou de número) de um nome no(s) determinante(s) (artigo, demonstrativo, possessivo), quantificador(es) e/ou adjetivo(s) a ele inter-relacionado(s) sintática e semanticamente, o que funciona, por vezes, como uma marca explícita ou redundante dessa interdependência (BRANDÃO, 2016, p.57).

Em relação à concordância de número, temos três classes que apresentam flexão de número ou indicam pluralidade, conforme apontados em Brandão (2016):

- a) determinantes: que ocupam categórica ou usualmente posição à esquerda do núcleo (artigos, demonstrativos e possessivos);
- b) quantificadores: vocábulos que exprimem diferentes tipos de quantificação;
- c) adjetivos: que podem ocorrer à direita ou à esquerda do núcleo.

Na “Introdução” de nosso texto, elencamos trabalhos importantes que privilegiaram a concordância no PB e, em alguns casos, numa abordagem contrastiva com o PE. Interessamos, aqui, trazer Brandão (2018) que elenca uma série de trabalhos que contemplaram a concordância nominal no Brasil, São Tomé, Moçambique e Angola. Reproduzimos, a seguir, exemplos de padrões variáveis de concordância nas quatro variedades do português apresentados pela autora<sup>5</sup>:

#### Português do Brasil

- (i) [as menina] tiraram retrato
- (ii) tem [esses transportes alternativo]
- (iii) com [as minha netinha]
- (iv) [os filhos tudo formado]

#### Português de São Tomé

---

<sup>5</sup> Mantivemos a mesma marcação/numeração dos dados que são apresentados no “Quadro 1” de Brandão (2018, p.205).

- (i) [as dificuldade] que nós temos
- (ii) passar [os tempos livre] em casa
- (iii) n[os primeiro momento]
- (iv) [as pessoas mais velha]

#### Português de Moçambique

- (i) [essas pessoa] trocam de zona
- (ii) não há [campos suficiente]
- (iii) com [esse conflitos]
- (iv) [Tudo meus boi]

#### Português de Angola

- (i) [as coisa] estão muito cara
- (ii) e buscar [as tuas fruta]
- (iii) [os tais português], fomos [...]
- (iv) se [meus cliente] quer um pão, eu fia

Os exemplos de Brandão para as diferentes variedades do português mostram que há uma variação da concordância de número nos itens que compõem os SNs. Assim, notamos padrões variáveis, como a marcação de plural apenas nos determinantes [as dificuldade]; ou marcação de plural no determinante e no núcleo nominal, mas ausente no adjunto adnominal [esses transportes alternativo]; ou ausência de marcação de plural no determinante, mas com núcleo do sintagma nominal marcado [esse conflitos]; marcação de plural no determinante e no termo à esquerda do núcleo nominal, que permanece no singular [os tais português].

Considerando nossos dados, para o PGB podemos destacar os dados a seguir<sup>6</sup>:

- (8) dos aborto clandestino
- (9) aquelas hemorragias grave
- (10) as outras língua estrangeira
- (11) as duas linguas estrangeira

---

<sup>6</sup> Os dados do PGB que aqui apresentamos são de padrões variáveis para a concordância do SN no que tange ao número e ao gênero. Reforçamos que, ao lado dessa variação, há a realização dos SNs com todas as marcações de plurais consideradas “padrões” pela norma, mas que não estão contempladas em nossa descrição.

A partir dos dados acima, percebe-se que há falta de concordância de número entre os termos constituintes do SN. No dado (8), a marca do plural foi marcada apenas no elemento pré-nuclear, o determinante “dos”, sendo o núcleo “aborto” e o adjetivo “clandestino” realizados sem flexão de número. No dado (9), tanto o núcleo do SN “hemorragias” como o elemento pré-nuclear “aquelas” receberam a marca de plural, ficando o adjetivo “grave” sem essa marcação. O dado (10) indica que nem o núcleo do SN “língua” nem o adjetivo que o segue “estrangeira” recebem a marca de plural, embora os dois elementos antecedentes fazem essa marcação, o determinante “as” e o adjunto “outras”. Por fim, o dado em (11), com a mesma estrutura do dado (10), mostra que o núcleo do SN “línguas” recebe a marcação de plural, assim como o seu elemento pré-nuclear “as”, que também concorda com o numeral “duas”.

Segue outro conjunto de dados em relação à concordância de número no PGB:

(12) o nosso bens comum

(13) o agricultores

(14) no envolvimentos

(15) outra nacionalidades

Diferentemente dos dados anteriores, que se pluralizam nos itens à esquerda do núcleo do SN e cujo valor representado por estes atua sobre o sintagma todo, nos dados de (12) a (15), nota-se que os determinantes e adjuntos, posicionados à esquerda do núcleo, carecem da marcação de plural. O fato deles não terem exercido a influência sobre o sintagma nos alerta para o quanto não é sistemática, uniforme e regular o cenário da variação de concordância de número entre os termos formantes do SN.

Se no PE, a concordância nominal em relação ao número é categórica, na maioria das variedades linguísticas do PB, por exemplo, a variação de concordância de número no SN é bem destacada, ocorrendo nas diversas camadas sociais, sendo nas zonas rurais quase que marcada exclusivamente no determinante (LUCCHESI, 2009; SCHERRE, 1994). Parece-nos, então, que o PGB se aproxima das variedades “não padrão” do português falado no Brasil, já que os dados elencados até aqui para o PGB mostram que, embora o núcleo e alguns de seus elementos pré ou pós-nucleares não recebam a marcação de plural, há uma incidência maior nos determinantes – o que ainda carece de estudos quantitativos para depreendermos o fenômeno colocado nos dados de (12) a (15).

Continuemos com a descrição da concordância entre os itens formadores do SN no PGB, mas focalizando a concordância de gênero. Na língua portuguesa, o gênero compreende apenas dois valores, o masculino e o feminino. No plano referencial, está relacionado à distinção entre os sexos dos seres animados. Para as classes dos nomes de gênero único, é difícil encontrar um padrão regular na indicação formal do gênero (LUCCHESI, 2009). Segundo Monteiro (2002), “estruturalmente, uma subcategoria sempre se opõe a outra. Ou seja, uma palavra só apresenta a marca do masculino se tiver um feminino correspondente”. Desse modo, é evidente que a vogal temática ou morfema “a” não constitui a marca do feminino em nomes não binários, o mesmo com o morfema “o”, como podemos notar ao afirmarmos que são nomes masculinos “armazém”, “prédio” e “mapa”; e são nomes femininos “estrada”, “moto” e “bagagem”. Se considerarmos que a concordância de gênero no SN é categórica em PE, mais uma vez olhamos para os estudos que apontam para uma variabilidade desse fenômeno em outras variedades do português.

Lucchesi (2009) chama a atenção para o fato de que a variação na concordância de gênero não ser comum entre as variedades rurais do português – assim como nas variedades mais urbanas. Mas destaca, também, que “só se registra um nível significativo de variação na concordância de gênero em certas comunidades rurais que passaram por um amplo e profundo contato linguístico em sua história” (LUCCHESI, 2009, p.305). O autor exemplifica essa passagem com dados do português afro-brasileiro de Helvécia, conforme trazemos abaixo – dados do autor e renumerados; os destaques são nossos:

(16) Ele era UMA pessoa muito [querido]

(17) se tirá O [certidão] de óbito do meu pai

Observamos que em (16), o núcleo do SN, “querido”, masculino, não concorda com o determinante “uma”, feminino. Assim como em (17), temos o núcleo do SN, “certidão”, feminino, em desacordo com o determinante que o acompanha, “o”, masculino.

A não concordância de gênero também pode ser encontrada em variedades vernáculas e de português segunda língua, como em Angola e São Tomé e Príncipe, conforme apresentado por Agostinho, Lamberti e Santos (2021) – dados dos autores e renumerados; os destaques são nossos:

Português de Angola

(18) então NESSE... NESSES [pesquisa] que os soba fazem

(19) pra eles comemorarem UMA grande UMA grande [feriado]

Português de São Tomé e Príncipe

(20) E agora eu tô com OS [netas]

(21) Folha de mato, ESSES [folhas] que a gente faz calulu, bocadinho bocadinho  
DESSES [folhas]

Assim como vimos em (16) e (17), o conjunto de dados de (18) a (21) também mostram uma não concordância entre os núcleos dos SNs e seus determinantes que destacamos em caixa alta.

Em um dos trabalhos pioneiros sobre a situação linguística de Guiné-Bissau, Couto e Embaló (2010) apontam algumas especificidades do que consideram um “português acrioulado”, entre elas, a concordância nominal, ilustrada pelos exemplos a seguir – dados de Couto e Embaló (2010, p.52), adaptados; os destaques são nossos:

(22) O [minha irmã]

(23) MEU [mãe]

(24) ele tem três [filho] FÊMIA

Para Castro, os exemplos de (22) a (24) são resultados da interferência do crioulo guineense, pois “a distinção entre o gênero masculino e feminino é quase inexistente” (CASTRO, 2013, p. 99).

Em nossos dados, encontramos esse conflito morfossintático em relação à concordância de gênero nos SNs, em que os artigos, adjetivos pronomes e numerais não estão em conformidade com o gênero do nome a que se referem:

(25) num determinado etnia

(26) mau alimentação

(27) tem só um refeição

(28) aquele gravidez

(29) a população a maioria é desempregado

(30) nem toda a população está informado

Nos dados de (25) a (30), todos os núcleos dos SNs pertencem ao gênero feminino. No entanto, a concordância de gênero entre os núcleos e seus elementos pré e pós-nucleares não é realizada. Em (25) e (26), os adjetivos “determinado” e “mau” não concordam com seus núcleos “etnia” e “alimentação”, respectivamente. Em (27), o determinante/numeral “um” não concorda com seu núcleo “refeição”, o que também ocorre com o pronome demonstrativo “aquele” que na função de determinante, não concorda com seu núcleo “gravidez”. Em (29) e (30), temos uma predicação em que os adjetivos “desempregado” e “informado” não concordam com seu sujeito “a população”.

Podemos observar no PGB a não concordância em contextos com determinantes e pronomes seguidos de substantivo, como em (28) – “aquele gravidez” –, com adjetivos formados por particípio passado, como em (30) – “nem toda a população está informado” –, e com adjetivos masculinos modificando substantivos femininos, como em (26) – “mau alimentação”. Chama-nos a atenção que, nestes contextos, os marcadores masculinos aparecem ao lado de substantivos femininos, similarmente ao que Agostinho, Lamberti e Santos (2021) encontraram ao descrever a não concordância de gênero para o português de Angola (Libolo), o português de São Tomé e Príncipe e o português afro-brasileiro de Helvécia. Parece-nos, portanto, uma indicação do que estamos considerando o *continuum afro-brasileiro do português*, mas que não deve se encerrar por aqui.

Nos processos de criouliização é generalizado a perda das marcas flexionais através das quais se realizam as concordâncias de número e de gênero. Lucchesi (2009) aponta que no crioulo de Cabo Verde e no crioulo de São Tomé, a marcação de plural ocorre no início do SN, seja como um prefixo ou um clítico, um marcador de plural ou um quantificador. Segundo Lucchesi (2009, p.288), “esses marcadores são comuns no início do SN, adjuntos ao classificador nominal. É o caso, por exemplo, das línguas balanta, papel e wolof, do grupo atlântico (...)”. Vale ressaltar que as línguas balanta e papel são duas das principais línguas faladas em Guiné-Bissau imersas no intenso contato linguístico entre o crioulo e o português.

Em relação à concordância de gênero no crioulo guineense, os nomes não se flexionam quanto ao gênero e a distinção do sexo entre seres animados é marcada pelos adjetivos “macho” e “fêmea”: yermon matcho/yermon femya (irmão/irmã); gatu matcho/gatu femya (gato/gata) (LUCCHESI, 2009). O artigo que acompanha o nome para determina-lo, também não marca a indicação mórfica de gênero no crioulo guineense, “pois em sua estrutura gramatical não se encontra o artigo definido, e o artigo indefinido *un* não exibe propriedade de flexão de gênero” (LUCCHESI, 2009, p. 303).

Embora nosso trabalho tenha sido apenas de cunho descritivo, parece-nos, então, que o PGB traz essas interferências do guineense e das línguas autóctones em relação a concordância de gênero e número, constatando que o sistema da interlíngua L2 (português) dos falantes incorpora traços morfossintáticos da L1 que se preserva geracionalmente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso artigo buscou apresentar, de modo preliminar, uma descrição acerca da concordância de número e de gênero no SN do PGB. Considerando que o fenômeno da concordância é categórico no PE, mas não no PB, apresentamos alguns dados do PGB que pudessem nos auxiliar a compreender como se dá a concordância de número e de gênero no SN.

Assim, observamos que para a concordância de número, o PGB apresenta no SN itens que se pluralizam à esquerda do núcleo do SN, em geral, determinantes e adjuntos, mesmo que o núcleo não apresente a marcação plural. Mas também apresentou itens na mesma posição pré-nuclear sem a pluralização e com o núcleo do SN apresentando a marcação plural. Reforçamos, assim, a necessidade de se continuar os estudos acerca da concordância de número no SN do PGB para compreendermos em que medida há uma sistematização de determinados elementos pré ou pós-nucleares na pluralização dos SNs.

Na concordância de gênero, observamos que os contextos que pareceram privilegiar a não concordância: determinantes e pronomes seguidos de substantivo, adjetivos formados por particípio passado, adjetivos masculinos modificando substantivos femininos. Chamou-nos atenção que esses contextos também foram elencados para outras variedades africanas e afro-brasileira do português, evidenciando, assim, o continuum afro-brasileiro e as inter-relações históricas, sociais e linguísticas entre essas variedades.

Por fim, apontamos que as especificidades da concordância de número e de gênero no SN do PGB podem estar atreladas ao contato linguístico dessa variedade do português com o crioulo guineense e as demais línguas autóctones.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana; LAMBERTI, Luana; SANTOS, Eduardo. Concordância de gênero variável em português: aproximações entre variedades africanas e afro-brasileira. *Revista do GEL*, v.18, n.3, p.40-69, 2021.
- AUGEL, Moema. O crioulo guineense e a oratura. *Scripta*, v.10, n.19, p.69-91, 2006.
- BAXTER, Alan. A concordância de número. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 269-293.
- BRAGA, Maria Lúcia. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 88f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*, 2ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 57-83.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal no português de São Tomé e no português de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 203-244.
- CASTRO, Pollyanna. *As construções interrogativas, de tópico e de foco na língua crioula de Guiné-Bissau*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio do Janeiro, 2013.
- COUTO, Hildo.; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. *PAPIA*, n.20, 2010.
- EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator da identidade Nacional. *PAPIA*, n.18, p. 101-107, 2008.
- GONÇALVES, Perpétua. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: IN-CM, 2010.
- GUY, Gregory. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History*. Ph.D. Dissertation – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
- INTIPE, Bernardo. *Unidade linguística na diversidade linguística: o caso do kriol na Guiné-Bissau*. Trabalho de conclusão de curso – UNILAB/IHL, 2018.
- LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do Português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia.; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 272-284.
- LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, Dante.; BAXTER, Alan.; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 295-318.



MINGAS, Amélia. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4ª ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia.; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.285-302.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PETTER, Margarida. *Variiedades linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. Tese de livre-docência – Universidade de São Paulo, 2008.

PETTER, Margarida. Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro de português. *PAPIA*, v.25, n.2, p.305-317, 2015.

SANTOS, Vinicius. *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, 2015.

SCHERRE, Maria Marta. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica, 1978.

SCHERRE, Maria Marta. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n.12, p.37-49, 1994.

SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. Padrões de concordância de gênero e número no sintagma nominal em variedades africanas do português. *Revista Leitura*, v. 2, nº 59, p. 85-105, 2017.